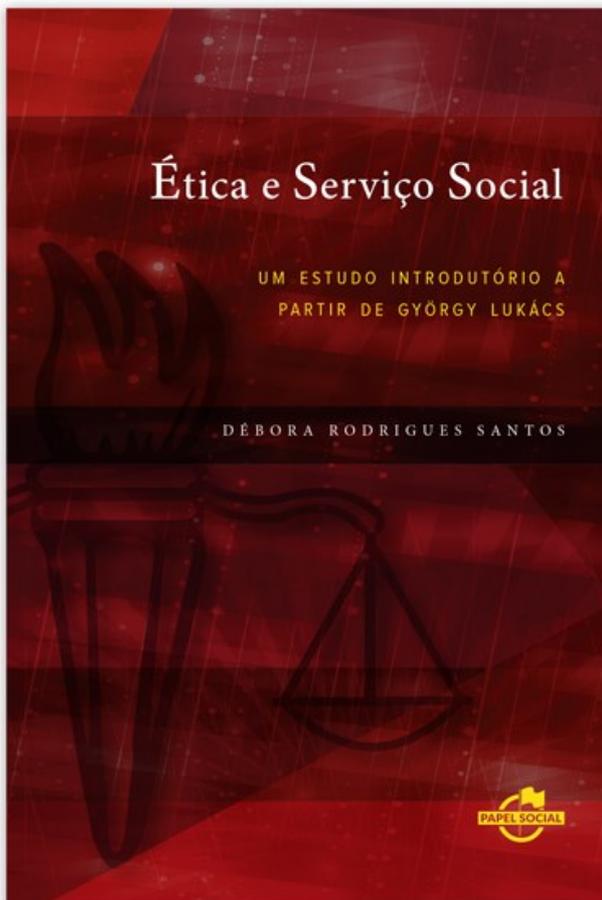


## Ética e Serviço Social: um estudo introdutório a partir de György Lukács

*Ethics and Social Work: an introductory study from György Lukács*

Gisele Caroline Ribeiro ANSELMO\*

RESENHA/ BOOK REVIEW



SANTOS, Débora Rodrigues. **Ética e serviço social: um estudo a partir de György Lukács.** Campinas: Papel Social, 2018. 180 p.

---

\* Assistente Social. Doutora em Serviço Social. Pós-doutoranda no Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN, Mossoró, Brasil). Rua Almino Afonso, 478, Centro, Mossoró (RN), CEP: 59.610-210. Bolsista PNPd/CNPq. ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-4130-1152>>. E-mail: <[gribeiroanselmo@gmail.com](mailto:gribeiroanselmo@gmail.com)>.

 © A(s) Autora(s)/O(s) Autor(es). 2018 **Acesso Aberto** Esta obra está licenciada sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional ([https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)), que permite copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato, bem como adaptar, transformar e criar a partir deste material para qualquer fim, mesmo que comercial. O licenciante não pode revogar estes direitos desde que você respeite os termos da licença.

O livro *Ética e Serviço Social: um estudo introdutório a partir de György Lukács* apresenta as bases históricas e ontológico-materiais da Ética, oriundas da tradição marxiana, sob a perspectiva do pensamento de György Lukács, e suas configurações no debate teórico do Serviço Social. O livro, publicado pela editora Papel Social, é de autoria de Débora Rodrigues Santos, professora da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, fruto da pesquisa realizada para a elaboração da Dissertação de mestrado defendida na Universidade Federal de Alagoas e da continuação das investigações durante o curso de doutorado em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Esta obra encontra-se dividida em duas partes: na primeira, intitulada *A ética na história: elementos para uma interpretação ontológica materialista* é dividida em dois capítulos.

No primeiro capítulo *Origens, trajetória histórica da Ética e suas bases filosóficas*, a autora expõe a sua apreensão dos principais aspectos do desenvolvimento histórico da ética, utilizando como base conceitual a análise de Henry Sidgwick, um dos mais importantes filósofos sobre Ética e moral do século XIX. A autora, irá dividir este capítulo em três tópicos utilizando como marco inicial a ética na Grécia Antiga, se detendo às reflexões de Sócrates, Platão e Aristóteles. Este último, considerado como o mais importante pensador grego, que realizou um importante tratado sobre a Ética, influenciando durante séculos os pensadores desta temática.

Posteriormente, a autora passa a explicar como se deu a construção da ética no período medieval, marcada pela doutrina da Igreja Católica, principalmente pelo pensamento de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Neste período, percebe-se a passagem de uma concepção racional do mundo para uma divina que subordinava a razão humana à fé. A autora assevera, que nesta ocasião foram formuladas características da moralidade cristã utilizadas dentro de um sistema moral com deveres, valores, castigos, regras que determinavam o modo de viver na sociedade. Na constituição da moralidade ética cristã, a ética, estava subordinada a moral. A fé era inquestionável, e o amor era a virtude que fundamentava o valor moral do dever cristão e fonte de sabedoria, que se materializava na caridade e na filantropia cristã em favor dos mais necessitados. Para a autora, Agostinho conseguiu ressaltar a conexão entre fé, amor e a caridade como virtudes intrínsecas do cristianismo.

Já, Tomás de Aquino, com a filosofia tomista, considerada a base da doutrina cristã, pretendeu conciliar a fé e a razão, mas reforçando a subordinação da razão à fé. Se esforçou em unir o pensamento de Aristóteles ao cristão desenvolvendo um sistema de virtudes que exerceu um papel central no seu pensamento: separou as virtudes naturais em intelectuais e morais; considerou a virtude Vontade, no que se refere a Justiça; considerou das virtudes teleológicas, isto é, fé, amor e esperança para a direção ética cristã.

A autora finaliza este capítulo nos apresentando os principais elementos da ética moderna. Débora Santos sinaliza como as mudanças que ocorreram na sociedade neste período histórico, como o desenvolvimento e a consolidação do capitalismo, a separação

entre o Estado e a Igreja, trouxe como uma das consequências mudanças da influência da Igreja ao campo da ética. A autora, percorre o pensamento de diferentes filósofos, como Bacon, Hobbes, Locke, Hegel, Kant, entre outros, evidenciando as respectivas contribuições destes pensadores para a compreensão da ética. A autora, destacou a influência de Immanuel Kant na conceituação da ética. Kant acreditava em uma ética universal que fosse fundamentada na igualdade entre os homens, destacando a boa vontade entre os mesmos. A ética era condicionada pela racionalidade e pelo dever tendo como parâmetro a moral. A felicidade, base ética kantiana, numa perspectiva de universalidade, seria um mérito por meio da crença de Deus e de um futuro melhor.

Débora Santos acredita que somente compreendendo este fio histórico de construção do pensamento da ética, principalmente, a influência de Aristóteles da Grécia Antiga, da Igreja Católica no período da Idade média, que podemos nos apropriar das tendências na ética moderna. A autora, nos convida ao próximo capítulo, sustentando que urge uma outra interpretação da ética que expressa uma diferenciada direção de valores humano-sociais.

No segundo capítulo *As bases ontológico-materiais da Ética: contribuições do pensamento de György Lukács*, a autora nos apresenta a Ética Marxista como alternativa à ética burguesa. Esta perspectiva, inaugura um novo modo de pensar a ética, fundamentada em uma análise crítica ontológica materialista que é a base teórica da ética do Serviço Social, materializado no Código de Ética de 1993 e na formação profissional conforme as Diretrizes Curriculares.

A autora, se propõe abordar a ética marxista, a partir do pensamento de György Lukács, se valendo da interpretação da sua obra *Para a Ontologia do Ser Social*. Ela vai subdividir este capítulo em cinco itens inter-relacionados, analisando o universo categorial do autor, principalmente a categoria trabalho, ilustrando o seu nexos com os valores, solo ontológico da ética materialista que prioriza o humano genérico.

A autora esclarece que o ponto de partida para a apreensão da base ontológica da ética consistiu na análise da categoria trabalho, indispensável para o estudo do ser social e o seu desenvolvimento na sociabilidade humana, tendo em vista, que o trabalho é o fundamento ontológico da relação entre o homem e a natureza. A autora ainda demonstra, com uma análise consistente, que a teleologia é a categoria ontológica central do trabalho e a que possibilita o salto ontológico para o nível do ser social. De tal modo, o homem tem posições teleológicas (primária e secundária) para responder às necessidades de produção e reprodução da sua própria vida na sociabilidade humana.

Outro ponto importante neste capítulo, é a vinculação indissociável entre teleologia e causalidade na estrutura do trabalho, que se realiza em um processo em que o homem cria novas realidades. A autora sustenta que é um processo de objetivação do objeto, e ao mesmo tempo, de exteriorização do sujeito, “[...] momento decisivo para a alternativa aqui entendida como gênese ontológica do valor e, conseqüentemente, da ética”. (SANTOS, 2018, p. 60). Para a autora, o processo de objetivação/exteriorização é a base ontológica para a compreensão de que os seres sociais se constroem e se reconstróem enquanto indivíduos.

autora nos apresenta ainda a discussão sobre as situações em que o ser social precisa fazer escolhas entre alternativas diferenciadas, para atender às suas necessidades que são historicamente determinadas. Para Santos, a alternativa é uma categoria que permite a passagem da possibilidade à realidade concreta, em uma articulação com o *dever ser*. É, também, o fundamento da *liberdade*, um valor humano.

A autora finaliza o capítulo trazendo o nexos entre o percurso teórico realizado até o momento e a sua conexão com as escolhas e alternativas do ser social. Estas escolhas, realizadas a partir das suas necessidades sociais concretas. Realiza ainda, a interconexão entre o conteúdo exposto e as alternativas existentes no âmbito profissional, em particular, com os assistentes sociais que realizam escolhas dentro das alternativas existentes no exercício profissional, pautado na normativa ética e de seus valores, princípios, diretrizes, das dimensões que fundam o Serviço Social brasileiro na contemporaneidade.

Esta primeira parte do livro é fundamental para compreendermos a base histórico-filosófica utilizada pela autora numa perspectiva marxista que a diferencia com os demais trabalhos tradicionais de compreensão da ética. Apesar de denso filosoficamente, a autora consegue nos aproximar e traduzir de forma facilitada a sua apreensão lukacsiana da ética. E, este, é um dos pontos fortes do livro e que, se lido só até aqui já mereceria a leitura do livro. No entanto, a autora vai além e na segunda parte do livro, intitulada *Serviço Social e Ética*, consegue realizar um segundo momento de análise da apreensão da Ética no contexto sócio-histórico do Serviço Social brasileiro, dividindo esta análise em dois momentos: primeiro sobre a Ética tradicional que permaneceu da gênese ao Movimento de Reconceituação do Serviço Social; e, posteriormente, irá se concentrar sobre a Ética de Ruptura no Serviço Social contemporâneo, utilizando além da bibliografia especializada, a análise dos diferentes Códigos de Ética da nossa profissão ao longo da história.

No terceiro capítulo *Elementos sobre a Ética tradicional do Serviço Social no Brasil* a autora fará uma análise crítica da dimensão ética desde as origens da profissão, usando como referência principal, neste momento, as contribuições de Antonio Geraldo Aguiar para a interpretação do Serviço Social tradicional. Aqui, a autora salienta, que os valores presentes nas origens da profissão são pautados numa reedição do pensamento de Tomás de Aquino, baseada no neotomismo. A formação profissional das primeiras assistentes sociais, a partir desta perspectiva, foi doutrinária moral em que os valores da Igreja influenciaram diretamente os valores éticos que direcionaram as primeiras escolas de Serviço Social e seus Documentos éticos, desde a promulgação do primeiro Código de Ética, em 1947.

A autora nos mostra que neste momento histórico, a profissão sofre influências do Serviço Social norte-americano que tinham como pressuposto teórico o funcionalismo/positivismo, próprio do capitalismo. A autora nos faz perceber, que apesar de um aparente conflito conceitual entre o neotomismo e o funcionalismo, eles se tornaram compatíveis, já que, o principal interesse da burguesia era o de conservar o seu domínio político-econômico. Deste modo, as influências da doutrina social da Igreja

e os referenciais teórico-metodológicos advindos do funcionalismo expressou as características do Serviço Social tradicional, de cunho conservador.

A partir da segunda metade dos anos 50, enquanto o Brasil vivenciava um intenso processo desenvolvimentista, o Serviço Social brasileiro também assumiu uma postura desenvolvimentista, incorporando mais uma influência do Serviço Social norte-americano, o Serviço Social de Comunidade, na tentativa de atender às necessidades da realidade brasileira deste período. Na análise da profissão a partir da década de 1960, Santos se apropria da análise de José Paulo Netto, tentando nos apresentar como se deu o início da crise do Serviço Social tradicional com a ascensão de grupos que iniciam a assumir no interior da profissão uma posição mais progressista, dando início a uma politização no interior da profissão. Contextualizando o momento histórico em que o país passava, após a instauração da ditadura militar, a autora nos apresenta como vão se dando as condições históricas que induziram a *erosão do Serviço Social tradicional* e o início da renovação do Serviço Social.

A autora, em acordo com Netto, afirma que a partir de 1965, o Serviço Social tradicional da América Latina, vivenciou a principal expressão de sua erosão a partir do Movimento de Reconceituação. Este movimento, aglutinou diferenciados grupos que defendiam concepções de sociedade e de profissão distintas. Estas posições representavam também perspectivas teórico-metodológicas diversificadas, o que gerou embates e conflitos entre as diferentes posições. Netto, identificou as três principais vertentes: a *perspectiva modernizadora* (funcionalista), a *reatualização do conservadorismo* (fenomenologia) e a *intenção de ruptura* (marxismo).

A autora, nos apresenta os rebatimentos deste processo e a influencia destas três vertentes nos Códigos de Ética da profissão. No Código de Ética de 1965, apesar de apresentar alguns elementos inovadores, reproduz uma perspectiva despolitizante e reafirma valores tradicionais, não apresentando alguma ruptura com o conservadorismo e a ética tradicional, espelhando os valores da perspectiva modernizadora. Em 1975, é promulgado um novo Código de Ética, este também conserva o pensamento neotomista e apresenta características da perspectiva estrutural-funcionalista, se adequando às demandas da ditadura militar. Mas, também, apresenta fundamentos presentes no existencialismo cristão da fenomenologia.

Somente após 1979, a partir do III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, o também chamado “Congresso da virada” que a perspectiva crítica teve uma maior influência política no interior da categoria profissional e assinala o compromisso do Serviço Social com a classe trabalhadora. Cabe salientar, que inicialmente, a perspectiva de *intenção de ruptura*, realizou uma primeira aproximação do Serviço Social com a tradição marxista, através de fontes secundárias contaminadas pelo neopositivismo, pela vulgarização marxista e pela baixa qualidade dos textos o que causou graves erros na apreensão do pensamento de Marx. No entanto, foi a única alternativa de real ruptura com o conservadorismo, apesar do conservadorismo não ter sido extinto do interior da profissão, ocorreu uma democratização nas relações ideo-políticas. Ainda segundo a autora, nos anos de 1980, o Serviço Social passou por um processo de maturação e desenvolvimento de um projeto profissional crítico que se materializou na

reorganização política da categoria profissional, na formação profissional e no novo Código de Ética profissional, de 1986.

Por fim, no quarto capítulo *Ética de ruptura: outra base para o Serviço Social e sua relação com o Projeto Ético-Político* a autora nos apresenta as principais características da chamada Ética de Ruptura, inaugurada a partir do Código de Ética de 1986 e na reformulação deste com a aprovação do atual Código de Ética, promulgado em 1993. Ocorreu neste período um processo de mudanças de ruptura com a ética tradicional que contribuiu com a consolidação do nosso projeto ético-político a partir dos anos de 1990.

Para a autora, o Código de Ética de 1986 foi uma etapa inicial de construção de uma nova moral profissional pela luta de princípios e valores em acordo com os novos objetivos profissionais. Santos enfatiza, que apesar de seus limites teórico-filosóficos e das lacunas de operacionalização no cotidiano profissional, este Código proporcionou um importante avanço para a categoria profissional na construção de uma ética que procurou romper com o conservadorismo do Serviço Social tradicional.

No período de 1986 a 1993, ainda segundo a autora, as entidades representativas da profissão organizaram importantes eventos em que o centro temático foi a ética, com uma maciça participação da categoria profissional através das discussões e da produção teórica sobre o tema, resultando em posicionamentos e concepções teórico-filosóficas diferenciadas, garantindo o pluralismo de ideias e concepções no debate ético profissional.

Em 1993 foi promulgado o atual Código de Ética que ele tem como base teórica a ontologia do ser social. Santos assevera a importância da compreensão da gênese ontológica da ética e a capacidade de o ser social fazer escolhas dentro das alternativas concretas do cotidiano e dos dilemas que surgem no exercício profissional. Sendo a intenção do livro contribuir para a articulação da compreensão das bases ontológicas da ética como a base teórica do Código de Ética vigente. Para a autora, os princípios e valores éticos expressos no atual Código, é parte constituinte do projeto ético-político do Serviço Social que precisam ser materializados na cotidianidade do trabalho profissional do assistente social.

Trata-se de uma excelente indicação de leitura a todas/os as/os assistentes sociais. A obra nos traz, além do rico debate teórico e rigor metodológico, a necessidade de compreender ontologicamente as bases do atual Código de Ética e de articular seus princípios e valores com o exercício profissional. Sabemos da ainda incipiente produção acadêmica sobre a temática fazendo com que este livro se torne ainda mais relevante ao contribuir com a formação profissional e para a reflexão sobre a ética tanto para as/os futuras/os profissionais quanto para as/os assistentes sociais que já atuam profissionalmente.

---

**Gisele Caroline Ribeiro ANSELMO**

Possui mestrado e graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2008). Mestrado em Lavoro, Politiche Sociali, Interculturalità pela Università Ca' Foscari di Venezia (2012). Doutorado em Serviço Social pela Università degli Studi Roma Tre (2016). Atualmente é bolsista do Programa Nacional de Pós Doutorado (PNPD/CNPq) no Programa de Pós Graduação em Serviço Social e Direitos Sociais na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pesquisa os seguintes temas: política sociais, programa de transferência de renda, adoção, ética, fundamentos do Serviço Social brasileiro e italiano.

---